

PONTA GROSSA. Piso de residência chegou a quase 80 graus

Mais uma casa registra aquecimento em Maceió

Combinação entre gás e material orgânico pode ser a causa

NATÁLIA SOUZA
REPÓRTER

Aconteceu de novo. Outra casa situada no bairro da Ponta Grossa, em Maceió, registrou superaquecimento no chão. Dessa vez, a temperatura chegou a quase 80 graus. Ontem pela manhã, engenheiros do Instituto do Meio Ambiente (IMA) estiveram no local e colheram amostras do solo e de água para análise.

Os especialistas acreditam que o fenômeno seja o mesmo ocorrido há menos de 15 dias, quando o chão de uma casa na rua Marquês de Pombal registrou alta temperatura devi-

do à reação entre material em decomposição e gás sulfídrico.

Segundo o médico Julio Bandeira, filho da proprietária da casa de número 264 na rua 15 de março, o fato só foi descoberto devido a uma reforma realizada no local. "Os trabalhadores da obra precisaram arrastar um móvel que fica embaixo de um disjuntor. Foi aí que eles sentiram o piso quente. No início, pensamos que seria um problema elétrico, mas meu irmão, que é engenheiro, fez testes e descartou a possibilidade", disse.

"Então, relembramos o episódio na casa da rua Marquês de Pombal, que fica há 1 km daqui, e resolvemos acionar o IMA", completou o médico, destacando que a família mora no local há mais de 50 anos e nunca havia notado nada anormal.

Os mesmos trabalhadores da reforma ajudaram a quebrar o piso para a equipe técnica do IMA realizar a vistoria do solo. Com a ajuda de um termômetro infravermelho, o presidente do IMA, Adriano Augusto, constatou 47 graus de temperatura na superfície da terra. À medida que o buraco ia sendo escavado, a temperatura subia e havia a liberação de fumaça.

Com aproximadamente um metro de escavação, o termômetro registrou 78,6 graus. "A temperatura está tão alta que está saindo vapor de água. Deu pra sentir cheiro de gás sulfídrico", afirmou. "O calor aqui foi mais alto do que na outra casa", completou.

Adriano Augusto acredita que o fenômeno seja o mesmo que ocorreu na casa da rua Marquês de Pombal. "Toda essa área do bairro era mangue. Há raízes de mangue e outras matérias orgânicas em decomposição. Quando esse material se encontra com

os gases da fossa e esgoto, causa esse superaquecimento", afirmou.

A possibilidade de haver gases explosivos foi descartada após avaliação da atmosfera, por meio de um aparelho disponibilizado pela Braskem, o explosímetro. "Os moradores da casa não precisarão deixar o local e sugerimos que instalem um tipo de cano chamado suspiro, para facilitar a liberação dos gases", disse Ricardo César, diretor-técnico do IMA.

As amostras da água, que chegaram a 64 graus, foram enviadas ao laboratório de microbiologia da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) para análise de coliformes; já as

amostras do solo foram destinadas a um laboratório particular; e a análise físico-química da água será feita no laboratório do IMA. "A previsão para os resultados é de uma semana. Depois das análises é que podemos ter um diagnóstico fechado. Em tantos anos de atividade, eu nunca tinha visto nada do tipo", disse Adriano.

O laudo das análises na primeira casa, divulgado na semana passada, aponta que não há contaminação no lençol freático. O fenômeno vem sendo objeto de estudo de geólogos seniors de São Paulo e outras cidades, que também consideram o acontecimento atípico. ●



DILBERTO FARIAS

Uma equipe do IMA esteve ontem na casa e recolheu amostras de material para análise; relatório fica pronto em uma semana

Frase

ADRIANO AUGUSTO
PRESIDENTE DO IMA/AL

"Depois das análises é que podemos ter um diagnóstico. Em tantos anos de atividade, eu nunca tinha visto nada do tipo"